

FLORES/89 — DOS HOMENS E DA NATUREZA

É a teimosia de uns poucos e o empenho de muitos que vem dando corpo ao projecto audacioso do Departamento de Biologia de estar presente em todas as ilhas dos Açores. Ainda no ano anterior havíamos calcorreado as suaves colinas da Graciosa. Desta feita quisémos ir até aos confins do Arquipélago, até à longínqua ilha das Flores, para descobrir, revelar, aprender, ensinar, tudo ao mesmo tempo, compacto como uma semana que levará anos a se desdobrar ...

CONTACTO COM A NATUREZA — UMA NECESSIDADE FUNDAMENTAL

A direcção imprimida à investigação no Departamento de Biologia da Universidade dos Açores impõe um contacto contínuo com a Natureza. A estratégia de investigação no Departamento tem sido a de investir em áreas que, pela sua peculiaridade ou representatividade no Arquipélago, nos dêem a primazia do seu estudo e desenvolvimento. Por isso o Departamento investe na Ecologia, na Evolução, no Mar, na Luta Biológica. As nossas ilhas são laboratórios naturais, cobiçados por muitos cientistas ávidos de testar as suas teorias. Aqui, num clima ameno durante todo o ano graças à acção moderadora do mar, o que se aprendeu em terras de verão quente e inverno frio sofre modificações drásticas: seres sazonais reproduzem-se continuamente, plantas costeiras aparecem no cimo das montanhas, é verde durante todo o ano ... Aqui a evolução acontece e pode ser descoberta em cada pedra que se vira, sob cada folha que lentamente apodrece no solo. Nove ilhas, nove plataformas subindo acima da espuma das ondas em tempo diferente, foram outros tantos convites para colonizadores vagabundos de eras longínquas. Mas o que hoje vemos pode não corresponder ao que foi no princípio, e a nossa fortuna é termos mesmo à porta a chave que nos levará à solução desse enigma a que chamamos evolução. Por isso o contacto com a Natureza, a Natureza das nossas ilhas, é fundamental para a investigação, para a vida do Departamento de Biologia.

O olhar penetrante da especialização científica necessita dos horizontes vastos e englobantes de uma multidão de áreas afins como substrato quer para a sua acuidade e eficiência no campo restricto que a particulariza, quer para a projecção universal e integração daquilo que conclui e descobre. Assim também a múltiplice investigação que o Departamento desenvolve com maior ênfase onde está sediado necessita, para sua completude e situação, do conhecimento da multifacetada realidade tão rica e variadamente distribuída pelas terras e mares das nove ilhas do Arquipélago.

O CONTACTO HUMANO - UMA EXPERIÊNCIA GRATIFICANTE

A par do conhecimento científico do Arquipélago, as expedições que o Departamento de Biologia tem vindo a organizar consideram o contacto social como finalidade de igual modo importante. Desde a sua preparação até ao dia do regresso, e mesmo durante o silencioso e muitas vezes monótono ordenar dos conhecimentos que se lhes segue, uma multidão de pessoas e entidades é contactada, agitada e de modo variado pressionada a colaborar, o que voluntária e pressurosamente, na grande maioria, se apressa a fazer. Este testemunho vivo de adesão transmite-nos a tranquilidade segura de estarmos inseridos numa sociedade que se interessa pelo que fazemos, que apoia e incentiva a nossa dedicação e que, só por si, justificaria o nosso empenho neste tipo de iniciativas. Mas é também nosso interesse, para além de aproveitar a riqueza do intenso contacto humano que acontece entre os participantes nos poucos dias da expedição, levar junto de populações periféricas do Arquipélago um pouco daquilo que se faz na Universidade, partilhar interesses e conhecimentos, sair dos livros e entrar nas vidas. Aparentemente fugaz e superficial, o contacto assim iniciado produzirá frutos de continuidade no aprofundamento da investigação, na transmissão futura de conhecimentos e apreensões, numa personalização do trabalho científico que se desenvolve no Arquipélago.

Em 89 nas Flores, como em 88 na Graciosa, o envolvimento humano foi uma vez mais gratificante. Conhecemos muito mais, muitos mais nos conhecem, sentimos maior justificação para voltar porque nos sentimos muito mais em casa. Com tudo o que teve de oficial, foi um contacto silencioso, com tudo o que se disse e escreveu pouco impressionou quem o não viveu. Talvez por isso, ou por não se haver prometido o sensacionalismo de descobertas dramáticas, os meios de comunicação social se não sentiram suficientemente motivados para explorar a novidade da descida súbita de um grupo de cerca 50 cientistas numa ilha de menos de 5 mil habitantes.

O QUE FOI "FLORES/89"

Instalados em dezoito tendas destinadas à Protecção Civil, mesmo ao lado das piscinas naturais de Santa Cruz das Flores, beneficiando das instalações sanitárias da zona balnear e de uma garagem adaptada a cozinha, durante uma semana viveram uma vida diferente da usual uma vintena de investigadores do Departamento de Biologia da Universidade dos Açores, elementos dos Departamentos de Ciências Agrárias e de Oceanografia e Pescas, das Secretarias Regionais do Turismo e Ambiente, da Agricultura e Pescas, e da Habitação e Obras Públicas, do INIP, do IICT, das Universidades do Algarve, de Laval (Canadá) e de New Hampshire (U.S.A.), dos Museus de Paris (França) e de Antuérpia (Bélgica), e da R.S.P.B. (Inglaterra). Cada manhã uma dúzia de equipas, sob a chefia do Departamento de Biologia, espalhava-se por toda a ilha em quatro jeeps e de barco, cobrindo lugares e temas tão variados como Geografia, Antropologia, Ambiente, Ecologia e Sistemática. Desenvolveram-se estudos sobre diversos aspectos da fauna e da flora terrestres e marinhas,

sobre coelhos, garajaus, moluscos, borboletas e outros insectos, sobre pessoas e coisas, sobre monumentos naturais e intervenções do homem.

A localização do acampamento foi particularmente favorável para os variados estudos de biologia marinha. As piscinas naturais ofereciam uma enorme variedade de habitats. As pedras eram observadas e escovadas à procura de micromoluscos e, quando a curiosidade ultrapassava em profundidade a altura do joelho, fazia-se accionar a sugadora. O material recolhido era triado preliminarmente junto ao mar, transportado até ao laboratório (uma sala gentilmente cedida pelos Serviços Florestais e adaptada para o efeito), onde os exemplares mais interessantes eram desenhados ao vivo. Sob o olhar atento e cooperante de professores e alunos do ensino secundário, que seguiram alguns projectos de investigação, fizeram-se vários transectos destinados à caracterização biológica do litoral. Moluscos, algas e crustáceos foram quantificados e recolhidos de zonas expostas e abrigadas, no intuito de se compreenderem as diversas associações biológicas do litoral e a dinâmica que as determina. Visão apreciada foram as enormes lapas, mesmo ali junto ao acampamento. Regozijamo-nos com as medidas de protecção decretadas pelo Governo Regional, fazemos votos para que sejam cumpridas e apelamos ao povo das Flores para que guarde e defenda este molusco regional, se não pelo seu valor científico ao menos pelo prazer de poder apreciar tão açoriano petisco quando ele se torna cada vez mais raro, cobiçado, ameaçado mesmo de extinção.

Trabalhos de cartografia vegetal ocuparam o grupo dos botânicos. Registos e recolhas de espécies da nossa flora endêmica irão enriquecer o espólio científico da Universidade e permitir a elaboração de pareceres ainda mais fundamentados. Foram admirados os cedros-do-mato, alguns provavelmente milenares, foi expresso o receio de que uma intervenção humana desnecessária venha a ferir ainda mais a riqueza natural da ilha. De igual modo, pela equipa de Geografia, liderada pela Secretaria Regional do Turismo e Ambiente, foram feitas observações do relevo e da costa, estudaram-se as habitações rurais e miradouros, teve-se na devida conta a localização menos feliz de algumas lixeiras.

O avantajado e variado grupo dos entomólogos, curiosos quanto à actividade das lagartas-das-pastagens, suas migrações e sua hoste de parasitas, ou interessados em construir uma entomoteca açoriana, recolheu de dia e de noite toda a espécie de insectos. Também com intuítos de esclarecimento sistemático, conducentes a uma compreensão da radiação evolutiva dos moluscos terrestres, foram feitas recolhas em toda a ilha, daí resultando, numa primeira análise, várias espécies novas para a ciência.

Por toda a parte se vêem coelhos nas Flores. Estes também foram objecto de colheita, com a finalidade de se comparar alguns aspectos da sua morfologia com a das populações de outras ilhas. O furão, único predador daquele mamífero, por ali se vê amiúde. De facto, como no Corvo e ao contrário das restantes ilhas, não existem milhafres nas Flores. E oxalá não se lembre algum irresponsável de para lá os levar, como em tantos casos infelizes tem acontecido. É que o problema da abundância dos coelhos, se o é na verdade, com um pouco de imaginação pode tornar-se numa fonte de

riqueza para a ilha. Preciso será apenas prevenir, se a caça for aberta a turistas, que se respeitem as galinholas e narcejas, raras em outras ilhas. Para os cientistas, continua a ser uma oportunidade única de estudar a dinâmica de populações e estrutura da comunidade animal com uma espécie apenas de predador principal. É mais uma riqueza científica a preservar neste laboratório natural.

Cerca de 80% da população mundial do garajau-rosado nidifica nos Açores e os muitos ilhéus das Flores constituem locais privilegiados para estudar aquelas graciosas aves. Migrador de longas distâncias, o garajau rosado mereceu, assim, figurar no emblema da nossa expedição. Um projecto conjunto com a Royal Society for Protection of Birds trouxe à expedição um grupo de cientistas britânicos que connosco estudaram aspectos diversos da ecologia, dinâmica de populações e biologia daquela ave protegida. A anilhagem das pequenas aves levará através do espaço e do tempo uma mensagem que contribuirá para um melhor conhecimento destes intrépidos viajantes dos oceanos.

Mas, infelizmente, nem todos partilhavam connosco o mesmo fascínio pela natureza. Um picnic de vândalos num dos ilhéus significou a destruição de muitos ninhos e a morte de muitos filhotes daquela colónia. Os motivos para tal atitude saem do âmbito da investigação científica que nos propomos, mas chama-se a atenção para o mal que pode fazer a falta de civismo de uns poucos.

Como nos havia recebido a edilidade de Santa Cruz, assim nos despediu a edilidade lajense: com um lauto jantar. As frequentes e fartas amostragens não conseguiram danificar a fartura da mesa e a superior qualidade do cozinhado foi dignamente homenageada pelo significativo silêncio que se seguiu à abordagem inicial. Trocaram-se palavras e lembranças, fizeram-se votos e ruidosamente se confraternizou.

Na manhã do dia 11 lá estava à nossa espera, magestoso, o DC 130 da FAP. Uma viagem rápida, uma aterragem imperceptível, e eis-nos de novo em S. Miguel, trazendo nas nossas vidas e bagagens muitas recordações, uma rica experiência humana e um rôr de informação científica para trabalhar e publicar.

Foram a amabilidade da Força Aérea Portuguesa, o interesse do Ministro da República para os Açores, General Rocha Vieira, e a gentileza da TAP que colocaram nas Flores a meia centena de elementos que viveu a aventura a que chamamos "FLORES/89"; foi a disponibilidade dos Serviços Florestais, dos Serviços Agrícolas, das edilidades e do Comando Naval das Flores que nos transportou por toda a ilha; foi a generosidade de uma multidão de contribuintes do comércio, indústria e autarquias micaelenses e a simpatia do povo florentino que possibilitaram a nossa permanência nas Flores. Bem hajam.

A. M. Frias Martins, Chefe da Expedição.